

Inclusão digital na Educação de Jovens e Adultos: um desafio da contemporaneidade

Vitalina Silva
Universidade Estadual da Bahia (UNEB)
vitalinas@yahoo.com.br

Luzinete Barbosa Lyrio
Secretaria de Educação do Estado da Bahia
luzinete.lyrio@gmail.com

Introdução

A contemporaneidade nos aponta um caminho para o mundo digital, o avanço tecnológico invade o nosso cotidiano sem pedir licença, a leitura digital em contas, a leitura biométrica nas operações bancárias e consultas médicas, operações bancárias por celulares, dentre outras situações, confirma a construção de um caminho que acelera em velocidade e vai nos desafiando a acompanhar no ritmo do tempo cronológico, incluindo novos hábitos para tentar alcançar minimamente os requisitos necessários para a nossa sobrevivência no mundo cada vez mais conectado. Este mesmo esforço não é percebido no âmbito escolar, onde a tecnologia que deveria oferecer as condições para assegurar o percurso eficiente deste caminho, se apresenta inadequada, mal utilizada, ineficiente ou em alguns casos inexistentes.

Assim, o estudo tem como proposição refletir sobre a utilização das tecnologias da informação e comunicação (TIC), na Educação de Jovens e Adultos (EJA). No que concerne à metodologia, optamos pelo tipo de pesquisa qualitativa, quanto aos objetivos se insere no contexto descritivo, pois o trabalho se configura em desvelar a problemática do uso das TIC na EJA, e o estímulo a sua inserção digital na contemporaneidade.

Destacamos que, na perspectiva Freiriana é confirmada a importância do desenvolvimento da autonomia crítica dos sujeitos da EJA e a necessidade de oportunizar o uso de elementos que possam expandir o seu potencial crítico. Freire já preconizava que o uso de computadores no

processo de ensino aprendizagem, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa (...) assim, depende de quem usa a favor de quê e de quem e para quê .(FREIRE, 1995, p. 98).

Os alunos que fazem parte da EJA, em sua maioria possuem celular com acesso a internet e utilizam computadores com regularidade, seja em suas residências ou em espaços conectados, mas a escola não tem se dado conta das mudanças sociais, econômicas e tecnológicas e desconsidera este conhecimento prévio, insistindo em aulas tradicionais que promovem um grande distanciamento e desarticulação com a tecnologia e com as expectativas de aprendizagem dos estudantes.

Essa desfiliação promove também a exclusão social, que são fenômenos estreitamente associados. Ainda que alguns professores por iniciativa própria recorram a utilização dos recursos tecnológicos como ferramenta pedagógica, se deparam com algumas limitações como, formação específica para manuseio das ferramentas, orientação pedagógica que faça a interlocução entre a disciplina lecionada e as TIC, número de computadores insuficientes, o que provoca a organização da turma em dupla ou em trio para cada máquina, esta dinâmica acaba por interferir no processo da aprendizagem do sujeito.

A utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação de Jovens e Adultos

Os alunos da EJA, historicamente estão expostos a inúmeras situações de desigualdades sociais, neste sentido a escola precisa intencional a minimização destas desigualdades. À medida em que os aproxima do mundo digital, oferece as ferramentas que se desvelam para todos de igual maneira, assim o desafio é proporcionar condições para o desenvolvimento da capacidade de interagir, transformar e intervir na realidade individual e coletiva.

Bonilla (2005), afirma que as TIC, mais do que um simples avanço no desenvolvimento da técnica, representam uma virada conceitual, à medida que essas tecnologias não são mais apenas uma extensão dos sentidos humanos, onde o logos do fazer, um fazer mais e melhor, compõe a visão do mundo.

Desta forma, a escola deve responder aos desafios da contemporaneidade, e se tratando das turmas da EJA que tem a garantia da aprendizagem ao longo da vida, incluir em seu currículo e em seu planejamento a inclusão digital. Esta será uma forma de enfrentamento da evasão escolar e conseqüentemente do sistema excludente que impulsiona os nossos jovens para uma situação desfavorável, seja na inserção social ou laboral.

Desse modo, é preciso estimular o protagonismo dos estudantes na implementação de projetos de cunho digital estendendo também aos celulares, pois esta é a ferramenta mais utilizada pelos jovens estudantes. A criação de *blogs*, *sites*, páginas com notícias da própria escola, encontros, círculos de cultura, acontecimentos, amostras, todas estas possibilidades devem estimular a autonomia do estudante, especialmente quando os mesmos são responsáveis por construir e compartilhar saberes, isso tudo só é possível quando o planejamento é pensado considerando saberes construídos e em construção.

Para Gadotti (2002), neste âmbito, o professor “deixará de ser um lecionador para ser um organizador do conhecimento e da aprendizagem (...) um mediador do conhecimento, um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador, e, sobretudo, um organizador de aprendizagem”.

Para além da formação, os equipamentos disponíveis nas escolas que possuem laboratório de informática, são em número insuficiente, algumas máquinas não funcionam plenamente, os programas disponíveis não são atualizados e falta qualidade de acesso, ademais não possuem um técnico na área de informática com suporte para o desenvolvimento do trabalho.

A Cibercultura, segundo Lévy (1999), é o “conjunto de técnicas, de práticas, de atividades, de modos de pensamento e de valores que desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Esta acessibilidade aos sujeitos a qualquer hora e em qualquer lugar, promove a comunicação ubíqua que segundo Santaella (2013), pode complementar a educação formal.

Com toda esta possibilidade de desfrutar do ciberespaço, (que é a infraestrutura material da comunicação digital) e não o faz, a escola se distancia do seu intuito de ser instrumento central para socializar as novas gerações na internet e como consequência, poderá promover a exclusão digital, pois as principais bibliografias apontam o potencial das TIC para a redução da desigualdade e da pobreza. Algumas políticas públicas como as salas de recursos multifuncionais, laboratórios de informática foram criadas nas últimas décadas, mas ainda não conseguem combater as desigualdades, apenas minimizá-las.

Conclusões

A democratização da internet permite o acesso, diminui as fronteiras, mas não são garantia de qualidade, a escola tem como responsabilidade o desenvolvimento de conhecimentos individuais e coletivos, o estudante precisa ser coautor da informação, mas é preciso que o professor seja um bom mediador para conseguir articular estes conhecimentos e isso só é possível quando o professor tem a formação e a informação necessárias.

A elaboração e compartilhamento de saberes construídos a partir de planejamento e currículo escolar, considerando os diversos recursos digitais que podem ser explorados na perspectiva da construção de aprendizagens “o professor deixará de ser um lecionador para ser um organizador do conhecimento e da aprendizagem (...) um mediador do conhecimento, um aprendiz permanente”.(GADOTTI, 2002, p.32).

O valor efetivo da informação depende da capacidade de transformação que o usuário faz dela, é preciso oferecer condições para que o discente transforme informação em conhecimento e que este conhecimento possibilite a transformação de realidades. Esta autonomia, este reconhecimento de cada um como sujeito é afirmado por Freire.

Assim sendo, é preciso criar condições para o acesso e possibilitar uma imersão no que as redes podem oferecer. Muitos desafios estão postos, os alunos devem deixar de ser consumidores de conhecimento a produtores de conhecimento e construir estratégias com o uso das TIC, o professor deverá integrar as TIC no currículo, conhecer as suas potencialidades, extraindo delas o melhor, relacionando com a aplicação em sala de aula.

Referências

BONILLA, M.H.PICANÇO,A.A. **Construindo Novas Educações**. Salvador. Edufba, (Org. Preto. N. L, 2005, p. 217 – 229).

FREIRE, Paulo. **Educação na Cidade**. São Paulo: Editora Vozes, 1995.

GADOTTI, Moacir. **A boniteza de um sonho: aprender e ensinar com sentido**. Abc educatio, Ano III, n. 17, p. 30-33, 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Ireneu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

SAMPAIO, J. –S. **Cultura Digital e Formação de Professores: articulação entre os projetos Irecê e Tabuleiro Digital**. 188f. 2011. Dissertação: Mestrado em Educação – Faculdade de Educação, programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011..

SANTAELLA, Lucia. Ambivalências da privacidade na Era digital. In: **Comunicação Ubíqua: Repercussões na cultura e na educação**. São Paulo, Paulus: 2013, p.71-74.